

O IMAGINÁRIO SOBRE O GAÚCHO NO POEMA “BOCHINCHO” DE JAYME CAETANO BRAUN

GUARDA, Leila C. L.¹

LEMOS, Marilene A.²

RESUMO: Um olhar para o discurso histórico sobre o gaúcho mostra que as imagens sobre este revelam um sujeito singular, constituído historicamente. Azevedo (1958) mostra que “o gaúcho, rigorosamente falando, é o peão, o vaqueiro das estâncias, com a sua veste peculiar, a sua língua *entreverada* de expressões espanholas e de termos tomados às atividades com o gado”. Já o discurso literário revela imagens de um gaúcho herói, por vezes idealizado. Segundo Silveira (2004), a literatura gauchesca “eleva um sujeito imaginário ao estatuto de herói regional”. Nesse sentido, nosso artigo tem como objetivo analisar as oito primeiras estrofes do poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun, e visualizar os efeitos de sentido produzidos a partir da literatura, neste caso a literatura regionalista rio-grandense, e reconhecer possíveis discursos que podem influenciar na construção do imaginário sobre o gaúcho. Para tanto, lançamos mão dos aportes teóricos da teoria da Análise do Discurso de linha francesa fundada por Michel Pechêux, bem como de trabalhos desenvolvidos no campo dos estudos da linguagem que operam com base na releitura da teoria pecheuxtiana, tais como os trabalhos de Orlandi, Lagazzi e Grigoletto. Ainda pelo viés da Análise do Discurso, para empreender a análise, valemo-nos dos estudos acerca do imaginário sobre o gaúcho realizados por Silveira (2004). Mediante esse movimento analítico chegamos a algumas interpretações que revelam imagens de um gaúcho não tão heroico, um sujeito que apresenta certa rudeza em suas atitudes. Observamos também que certas construções imaginárias se vinculam a outros discursos como o discurso machista e o religioso, por exemplo. Desta maneira, nossa análise revelou que nem todas as narrativas regionalistas gauchescas preconizam imagens de gaúcho heroico, honroso, ordeiro, ou seja, imagens de gaúcho idealizado.

PALAVRAS-CHAVE: *Discurso literário, gaúcho, imaginário.*

RESUMEN: Un vistazo al discurso histórico sobre el gaúcho muestra que las imágenes sobre éste revelan un sujeto singular, constituido históricamente. Azevedo (1958) muestra que “el gaúcho, rigorosamente hablando, es el peón, el vaquero de las estancias, con su veste peculiar, su lengua *entreverada* de expresiones españolas y de términos relacionados a las actividades con el ganado”. Ya el discurso literario revela imágenes de un gaúcho héroe, por veces idealizado. Según Silveira (2004), la literatura gauchesca “eleva un sujeto imaginario al estatuto de héroe regional”. En ese sentido, nuestro artículo tiene como objetivo analizar las ocho primeras estrofas del poema “Bochincho” de Jayme Caetano Braun, y visualizar los efectos de sentido producidos a partir de la literatura, en ese caso la literatura regionalista rio-grandense, y reconocer posibles discursos que pueden afectar la construcción del imaginario sobre el gaúcho. A tal fin, echamos mano a los aportes teóricos de la teoría del Análisis del Discurso de línea francesa fundada por Michel Pechêux, así como de algunos trabajos desarrollados en el campo de los estudios del lenguaje que operan con base en la relectura de la teoría pecheuxtiana, tales como los trabajos de Orlandi, Lagazzi y Grigoletto. Aún en la estela del Análisis del Discurso, para emprender el análisis, nos valemos de los estudios acerca del imaginario sobre el gaúcho realizados por Silveira (2004). Mediante ese movimiento analítico llegamos a algunas interpretaciones que revelan

¹ Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR.

² Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, campus Realeza/PR. Orientadora da acadêmica Leila Carla Lassig Guarda, no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso II.

imágenes de un gaucho no tan heroico, un sujeto que presenta cierta rudeza en sus actitudes. Observamos también que ciertas construcciones imaginarias se vinculan a otros discursos como el discurso machista y el religioso, por ejemplo. De esta manera, nuestro análisis reveló que ni todas las narrativas regionalistas gauchescas preconizan imágenes de gaucho heroico, honroso, pacífico, o sea, imágenes del gaucho idealizado.

PALABRAS-CLAVE: *Discurso literario, gaucho, imaginario.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa foi motivada por interesse pessoal em conhecer e compreender melhor a figura do gaúcho. Esse interesse desenvolveu-se por meio do contato com a cultura gaúcha, seja por intermédio da música, da dança ou dos textos literários que desde cedo faziam parte de minha vida em família, sobretudo por influência de meu pai, migrante da região de Não Me Toque - Rio Grande do Sul para o Sudoeste do Paraná.

À vista disso, foi-nos possível observar que os discursos sobre o gaúcho não se restringem ao estado rio-grandense; ao invés disso, eles perpassam as fronteiras do estado incorporando-se a outras culturas. Assim, ao remontarmos nossas memórias, as quais se inscrevem neste trabalho, buscamos fundamentar nosso estudo na perspectiva materialista, a partir do entendimento de que esta considera que os sentidos não são estáticos e o discurso é a língua na história, significante na história (LAGAZZI, 2010). Queremos dizer que por esse viés construiremos nosso dispositivo de análise e tentaremos investigar os efeitos de sentido produzidos a partir da literatura, a qual será nosso objeto de estudo, para então poder reconhecer possíveis discursos que possam influenciar na construção imaginária sobre o gaúcho.

Contudo, sabemos que pela Análise do Discurso (AD) não chegaremos a uma materialidade objetiva, nosso intuito será apresentar uma possibilidade de leitura do material de análise, o texto literário, tomado como discurso, como um lugar de representação do social e do histórico.

Inicialmente apresentaremos o dispositivo teórico e analítico pautado em noções da Análise do Discurso. Na sequência, por meio de um recorte temporal, entre o século XVII e meados do século XX, nos deteremos nas imagens de gaúcho que vão se construindo ao longo desse período histórico no Sul do país. Em seguida, trataremos das imagens de gaúcho na literatura e apresentaremos um recorte do poema regionalista gauchesco “Bochincho”, do autor Jaime Caetano Braun, o qual tomaremos como *corpus* específico do trabalho. Buscaremos analisar, nesse poema, as discursividades que constituem o imaginário sobre o gaúcho.

Por fim, traremos algumas possíveis leituras a que chegamos mediante o movimento analítico, considerando que para a Análise do Discurso todo material discursivo permite

interpretações, sendo assim, o espaço simbólico não é um espaço de comprovação, mas um local de possíveis interpretações.

ANÁLISE DO DISCURSO, IMAGEM E IMAGINÁRIO

A teoria da Análise do Discurso foi fundada por Michel Pêcheux, na França nos anos 60 do século XX, e (des/re) territorializada por meio da reflexão levada adiante no Brasil por pesquisadores e grupos de pesquisa que se filiam a esse quadro epistemológico. A Análise do Discurso de linha francesa é considerada por Orlandi (2005) uma disciplina de entremeio, que não se caracteriza como uma disciplina positivista, mas que articula saberes do campo da Linguística saussuriana, pela releitura de Michael Pêcheux, saberes do campo do Materialismo Histórico formulado por Karl Marx e relido por Luiz Althusser e da Psicanálise freudiana, por uma leitura lacaniana.

A Análise do Discurso filiada teoricamente aos movimentos de ideias sobre o sujeito, a ideologia e a língua, marca sua singularidade por pensar a relação da ideologia com a língua, trazendo para a reflexão o materialismo. Diz Orlandi (2012) que essa teoria “pós-estruturalista” se beneficia do não conteudismo – seja do sentido, seja do sujeito como origem. E acrescenta que essa teoria não é formalista, nem funcionalista, mas sim: materialista. A posição epistemológica da Análise do Discurso conduz, então, a pensar na existência da língua não como um sistema (o software de um órgão mental), mas como um real específico formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades (PÊCHEUX, 2011).

A questão do imaginário é pensada pela Análise do Discurso como “a imagem que fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p. 82-83). Para Orlandi (1994), não existe um significado literal para um texto, ou seja, explicitado pelas palavras, nem tampouco que o sentido pode ser qualquer um. No âmbito da AD as significações ou sentidos são constituídos a partir da relação entre sociedade e linguagem. Assim, o discurso é definido como processo social. Por conseguinte, também as formações imaginárias se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso.

Para Silveira, “É no espaço intervalar entre simbólico e real que o imaginário trabalha, inventando e reinventando o que é dado como real, podendo produzir deslocamentos de sentido [...]” (SILVEIRA, 2004, p. 118).

Silveira ressalta que a imagem é aquilo que se postula sobre determinado sujeito, características, aspirações, idealizações; e que esse conjunto fragmentado contribui na formação do imaginário social sobre determinado sujeito. A autora afirma: “É do eco dessa realidade social que emergem as imagens de sujeito que construíram a história do Sul do Brasil

e que mais tarde são idealizadas pela classe artística que eleva um sujeito imaginário ao estatuto de herói regional” (idem, p. 23). A pesquisadora explica, ainda, que a construção do imaginário está vinculada à constituição do sujeito e a projeção desse sujeito na sociedade. Para a Análise do Discurso não há relação direta do mundo com a linguagem; e sim uma ilusão dessa relação direta, possibilitada pelo imaginário. Segundo Silveira “[...] Em AD, a produção dos sentidos está vinculada à relação entre sujeito e história e isso promove a eficácia do imaginário” (idem, p. 121). No caso do gaúcho, essa formação imaginária iniciou-se por um processo individual e; em seguida, passou-se a uma instância social, constituindo assim relações sociais e ideológicas.

Segundo Silveira, as primeiras formações imaginárias sobre o gaúcho partiram de discursos produzidos pelos europeus. Só depois das principais revoluções, em especial a Revolução Farroupilha, na qual o gaúcho atuou como soldado é que o discurso sobre o gaúcho ganha nova ressignificação, ou seja, no final do século XIX e início do século XX é que o imaginário sobre o gaúcho transforma sua figura de fora da lei em herói, como em parte já adiantamos. Segundo a pesquisadora, é nesse momento que o imaginário sobre o gaúcho ganha nova significação, novos efeitos de sentido que apagam os efeitos de sentidos pejorativos “[...] no movimento entre lembrar e o esquecer produzido pelo funcionamento da memória discursiva” (SILVEIRA, 2004, p. 131).

Entendemos ser oportuno acrescentar que a Revolução Farroupilha possui um caráter histórico e fundante para a ressignificação do imaginário sobre o gaúcho pois, a atuação deste na revolução defendendo os interesses de estancieiros e também do exército republicano o elevou, na ordem do imaginário, a outro nível conceitual. Com o passar do tempo, por meio de formações imaginárias que foram sendo instituídas nos discursos, tais como no discurso literário, como veremos adiante, surge a imagem de gaúcho mito e herói preenchendo esse espaço de representação. Segundo Silveira:

“É pela ordem do imaginário que se viabiliza a fundação de um lugar para o gaúcho e para todos os elementos que lhe são correlatos. [...] na ordem do imaginário que ocorrem as transformações nas relações sociais, o que pode gerar na constituição de práticas (sociais, culturais e discursivas) outras que não as já instituídas. (SILVEIRA, 2004, p. 121)

A autora afirma ainda, que “[...] não se trata mais de um sujeito a margem, mas de um sujeito representativo com o qual todo um grupo social se identifica [...]” (SILVEIRA, 2004, p. 133).

IMAGENS DE GAÚCHO NA HISTÓRIA

Neste item apresentaremos algumas acepções que a designação gaúcho vem ganhando ao longo do século XVII até meados do século XX. E os efeitos de sentido que vão se produzindo a partir dessa designação.

O termo gaúcho designa, a partir da percepção do imaginário social, o habitante da região Sul do país, porém em meados do século XVII nomeava um grupo de pessoas em específico. Essas pessoas chamadas de gaúcho faziam parte de um grupo social que surgiu no extremo sul do país, mais precisamente na região do Rio da Prata que abrangia Argentina, Uruguai e Brasil. Antes da demarcação definitiva das fronteiras (meados do século XVII) as pessoas circulavam livremente por esses territórios que eram habitados pelos índios, por hispanos, tais como os jesuítas, por exemplo. O território pertencia, na verdade, aos portugueses, porém como esses demonstravam certo abandono à região, a coroa espanhola aproveita-se desse descaso e designa aos jesuítas a tarefa de catequizar os povos que lá habitavam.

Embora os portugueses se considerassem legítimos proprietários da região, apenas em 1680 edificaram um forte dando início a Colônia de Sacramento, com o intuito de assegurar o domínio territorial. O forte foi construído na margem esquerda do Rio da Prata, hoje território Uruguaio. A Colônia de Sacramento tornou-se um ponto importante de comércio e também de contrabando. Nesse período, o gaúcho comercializava de forma ilegal o couro do gado que capturava, atitude que contribuiu para a construção de um imaginário social que caracterizou o gaúcho como contrabandista. Depois de muitas disputas territoriais entre portugueses e espanhóis, as divisas das fronteiras foram delimitadas definitivamente no século XVIII e a Colônia de Sacramento passou a fazer parte do território Uruguaio; e as reduções jesuíticas passaram a pertencer ao território brasileiro.

Em sua obra *Gaúchos: A fisionomia social do Rio Grande do Sul*, Azevedo traz a descrição de três subáreas dentro do estado do Rio Grande do Sul, no começo do século XIX: *gaúcha*, *colonial* e *rio-grandense original*. Segundo o autor:

O próprio povo daquela província distingue como gaúchos aos naturais da fronteira, notadamente os que se dedicam ao pastoreio, como rio-grandense aos demais naturais e como colonos aos campônios da região colonial (AZEVEDO, 1958, p. 26).

No que se refere a subárea *gaúcha*, o autor faz um apanhado histórico e elenca a presença de algumas tribos indígenas como: os índios *tape* (tapuias), os *guaranis*, os *minuano* entre outros que habitavam a região das missões e a região de campanha, divisa com a Argentina e Uruguai. Na referida região de fronteira, a presença espanhola se manifestava através dos jesuítas; e a portuguesa por meio de bandeirantes, tais como: Raposo Tavares, André Fernandes,

Fernão Dias, que atravessavam aquelas terras entre 1636 e 1640. As terras eram de pastos abertos, por vezes com algumas depressões, onde o gado vivia livre. O gaúcho era filho dessas circunstâncias; e socialmente não era bem visto, devido as atividades que exercia (contrabando de couro e gado). Nessa mesma época, ademais do gado havia uma quantidade muito grande de equinos na região. E as relações sociais entre o gaúcho e o cavalo auxiliaram na caracterização do gaúcho como ginete, e na constituição da imagem de gaúcho como “centauro dos pampas”.

Já as atividades ilícitas que o gaúcho realizava contribuíram na construção de uma imagem que o caracterizava como contrabandista e fora da lei. Melo afirma “O gaúcho, nas suas origens mais distantes, é o caçador de gado que contrabandeia couros e se alimenta, basicamente, da carne dos animais abatidos” (MELO, 2008, p. 17). Contudo, o fato dele haver participado das lutas pela independência das nações platinas, contribuiu para que fosse se construindo, no imaginário social, uma imagem de um gaúcho enobrecido. De outro ponto de vista, Azevedo afirma que “o gaúcho, rigorosamente falando, é o peão, o vaqueiro das estâncias, com a sua veste peculiar, a sua língua *entreverada* de expressões espanholas e de termos tomados às atividades com o gado [...]” (AZEVEDO, 1958, p. 33).

Também para o autor, o gaúcho surgiu da mistura de raças: “eticamente o gaúcho é um amálgama de índio, de espanhol das repúblicas platinas e de portugueses” (AZEVEDO, 1958, p. 35). No entanto, nessa mesma obra, o pesquisador diferencia o gaúcho brasileiro do gaúcho platino, afirmando que o gaúcho brasileiro é menos turbulento e rebelde que o gaúcho platino.

O gaúcho platino, segundo Ludmer, assim como o brasileiro, teve seu reconhecimento a partir de serviços prestados ao exército. Corroborando com o que dissemos acima, a autora ressalta que o gaúcho era visto com desprestígio pela sociedade da época: “[...] a chamada “delinquência camponesa” (o gaúcho “vadio”, não proprietário e sem trabalho e nem domicílio fixos, a conhecida equação despossuídos = delinquentes)” (LUDMER, 2002, p.18). Ludmer salienta que o gaúcho só passou a ser considerado civilizado quando pegou em armas para defender a pátria: “[...] a revolução e a guerra de independência, que abrem a prática do uso militar do gaúcho e sua desmarginalização” (idem, p.19).

No estado do Rio Grande do Sul, ao longo do tempo, a designação gaúcho passou a significar o habitante do estado. Segundo Melo, algumas décadas após a Guerra dos Farrapos foi elaborada,

“[...] uma ressemantização do gaúcho que visa criar tais valores morais e sociais comuns, uniformizantes, para o habitante do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se, a partir do gaúcho revisto, um símbolo de identidade regional [...]” (MELO, 2008, p. 28).

No entanto, de acordo com Fontana, dentro do próprio estado existem diferenciações entre os gaúchos, a saber: o missioneiro, o pampeano, o serrano, entre outras designações que diferenciam esses tipos sociais. Essa distinção ocorre devido a uma caracterização regional, ou melhor, cada região do estado possui um gaúcho que se distingue em costumes, vestimentas e até personalidade.

É chamado de gaúcho missioneiro aquele que vive ou é descendente do tipo social que habitou a região das missões. Diante do imaginário de gaúcho missioneiro cabe aquele ligado à criação de gado, religioso, de espírito dócil, respeitador das leis. Para Fontana, esse espírito ordeiro é herança da influência jesuítica. E, em contrapartida “o tipo missioneiro é, por excelência, birrento, teimoso e sestroso; carrancudo e apegado às tradições (costumes)” (FONTANA, 2007, p. 115).

Já, o gaúcho pampeano é advindo da região dos pampas, região de fronteira com Uruguai e Argentina. Segundo Fontana, o “gaúcho pampeano criado no ambiente acastelhado das guerras cisplatinas” (idem, p. 121) gosta da liberdade e aprecia a música; e o cavalo representa para ele, não somente um meio de locomoção, mas também, um partícipe de sua vida. Outra particularidade do gaúcho pampeano é a aversão pela monarquia, caracterizando-o como um verdadeiro “monarca das coxilhas”, como afirma Bertussi (1997).

Finalmente, o gaúcho serrano, que habita as zonas de serra do Rio Grande do Sul, é segundo Fontana, um “[...] tipo acaboclado e acaipirado no seu modo de ser mais granjeiro e menos belicoso, no qual percebe-se uma influência menos marcante do estilo pampeano de ser” (FONTANA, 2007, p. 129). O autor salienta que essa variação quanto ao tipo gaúcho se dá como forma de adaptação da cultura deste, ao meio onde ele está inserido.

Findamos essa parte a respeito das imagens de gaúcho, as quais pudemos observar no recorte temporal estabelecido; e desse modo, passaremos ao próximo item que tratará de mostrar algumas imagens de gaúcho na literatura e de como esta aborda e reforça sentidos que contribuíram para a formação do imaginário sobre o gaúcho.

IMAGENS DE GAÚCHO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “BOCHINCHO”

A literatura teve papel importante para a construção de uma imagem heroica do gaúcho. Segundo Silveira, o gaúcho era “[...] representado historicamente como um ser contraditório, é aquele que representa tudo o que há de mais simples, pobre, bronco [...]” (SILVEIRA, 2004, p. 23), no entanto, é a partir desse gaúcho histórico, contraditório e ambíguo que a literatura,

acompanhando as tendências do romantismo, elevará o gaúcho a herói regional. A princípio de maneira idealizada, como no caso de “O Gaúcho” de José de Alencar. Nessa busca por heróis regionais é que a literatura gauchesca “eleva um sujeito imaginário ao estatuto de herói regional” (SILVEIRA, 2004, p. 23). E essa literatura atua na manutenção desse imaginário, pois privilegia em seu discurso a imagem de gaúcho guerreiro, valente, que não tem medo de enfrentar as adversidades.

A literatura gauchesca se apresenta inicialmente com a coleta de ‘causos’ que eram contados oralmente em rodas de conversas, ou seja, como literatura oral. Segundo Bertussi, o primeiro cancioneiro popular onde se encontra a primeira coletânea dessas histórias é o “[...] Cancioneiro Guasca (1910), seleção feita por Simões Lopes Neto” (idem, p. 16). Todavia, a literatura gauchesca só passou a ser reconhecida e a fazer parte da literatura nacional quando mais autores se dispuseram a transformar de fato toda a riqueza regional em arte literária.

Consoante já adiantamos, a literatura gauchesca passou, a princípio, pelo cancioneiro popular, depois pela fase do romantismo, que no Rio Grande do Sul teve início em 1847, até chegar na literatura do século XX, a qual foi marcada por produções de vários escritores, tais como: Simões Lopes Neto, Darci Azambuja, Jayme Caetano Braun, Aparicio Silva Rillo, Barbosa Lessa, entre outros nomes que se destacaram nesse período. Dentre esses nomes, elegemos para fins de análise, um poema de Jayme Caetano Braun, devido ao fato de que, para nós, este autor se distingue no meio literário por sua originalidade e sua temática.

Jayme Caetano Braun nasceu em Boçoroca, distrito de São Luiz Gonzaga, em 1927. Formou-se em jornalismo em 1954 pela PUCRS. Foi funcionário público estadual, diretor da Biblioteca Estadual (1959-63), radialista em sua cidade natal e co-fundador da Estância da Poesia Crioula em Porto Alegre. Poeta e repentista, conhecido como “el payador”, termo que em espanhol significa cantor que acompanhado de violão improvisa canções. O autor também escreveu utilizando-se de vários pseudônimos como “Piraju”, “Martin Fierro” e “Andarengo”. Seus poemas são em geral longos e épicos, feitos para serem declamados a alta voz. Suas principais obras são: Galpão de Estância (1954), De fogão em fogão (1958), Potreiro de guachos (1965), Bota de garrão (1979), Brasil grande do Sul – Payadas de campo e céu (1986), Paisagens perdidas (1987) e Vocabulário pampeano – pátria, fogões e lendas (1º volume – 2º volume 1987) e Payador e tropeiro (1992).

O poema “Bochincho”, do autor supracitado, material escolhido para a análise discursiva que apresentaremos a seguir, faz parte da obra “Paisagens perdidas” publicada em 1987. O narrativa contida no referido poema apresenta a perspectiva de um sujeito (gaúcho) que vive em um ambiente típico gauchesco com suas peculiaridades. A cena se passa em um “bochincho”, nome

dado ao local onde as pessoas se reuniam para dançar, se divertir. Logo que entra neste local o personagem narrador (gaúcho) se encanta com uma moça e lhe tira para dançar, atitude que desperta o ciúme do dono do “bochincho”, representado na narrativa como “dono” ou parceiro da moça. Então, inicia-se uma briga entre os dois personagens, quem ataca primeiro é o dono do “bochincho”, em seguida o personagem narrador revida com um golpe de facão que fere brutalmente o rosto do inimigo. Na sequência a briga é generalizada e o narrador comenta que havia gritos, choro de mulheres e tiros, e as pessoas tentam fugir desesperadamente do local. E, em meio à confusão, o gaúcho aproveita para fugir atravessando o Rio Uruguai a nado.

Dada a extensão do poema, elegeremos para nossa análise as oito primeiras estrofes. A Análise do Discurso nos possibilita dizer que a língua e a literatura não serão estudadas separadamente, mas sim, serão consideradas como materialidade discursiva. Ou seja, o texto literário é tomado pela significação, tomado pelo simbólico. Buscaremos observar, especialmente, no texto poético que compõe este recorte, as imagens de gaúcho que permeiam o imaginário social.

A um **bochincho** - certa feita,
Fui chegando - de curioso,
Que o vício - é que nem sarnoso,
nunca pára - nem se ajeita.
Baile de gente direita
Vi, de pronto, que não era,
Na noite de primavera
Gaguejava a voz dum tango
E eu sou louco por fandango
Que nem pinto por quireral.

Atei meu **zaino** - longito,
Num galho de guamirim,
Desde guri fui assim,
Não brinco nem facilito.
Em bruxas não acredito
'Pero - que las, las hay',
Sou da costa do Uruguai,
Meu velho pago querido
E por andar desprevenido
Há tanto guri sem pai.

No rancho de santa-fé,
De pau-a-pique barreado,
Num trancão de convidado
Me entreverei no banzé.
Chinaredo à bola-pé,
No ambiente fumacento,
Um candieiro, bem no centro,
Num lusco-fusco de aurora,
Pra quem chegava de fora
Pouco enxergava ali dentro!

Bochincho.

Dei de mão numa **tiangaça**
Que me cruzou no costado
E já sai entreverado
Entre a poeira e a fumaça,
Oigalé **china** lindaça,
Morena de toda a crina,
Dessas da venta brasina,
Com cheiro de lechiguana
Que quando ergue uma pestana
Até a noite se ilumina.

Misto de diaba e de santa,
Com ares de quem é dona
E um gosto de temporona
Que traz água na garganta.
Eu me grudei na percanta
O mesmo que um carrapato
E o gaiteiro era um mulato
Que até dormindo tocava
E a gaita choramingava
Como namoro de gato!

A gaita velha gemia,
Às vezes quase parava,
De repente se acordava
E num vanerão se perdia
E eu - contra a pele macia
Daquele corpo moreno,
Sentia o mundo pequeno,
Bombeando cheio de enlevo
Dois olhos - flores de trevo
Com respingos de sereno!

Mas o que é bom se termina
 - Cumpru-se o velho ditado,
 Eu que dançava, embalado,
 Nos braços doces da **china**
 Escutei - de relancina,
 Uma espécie de **relincho**,
 Era o dono do **bochincho**,
 Meio oitavado num canto,
 Que me olhava - com espanto,
 Mais sério do que um **capincho**!

E foi ele que se veio,
 Pois era dele a **pinguancha**,
 Bufando e abrindo cancha
 Como dono de rodeio.
 Quis me partir pelo meio
 Num talonaço de adaga
 Que - se me pega - me estraga,
 Chegou levantar um cisco,
 Mas não é a toa - chomisco!
 Que sou de São Luiz Gonzaga!

Primeiramente, observamos que o poema contempla o uso de expressões do linguajar regionalista gauchesco, das quais podemos destacar: bochincho, sarnoso, fandango, entre outros termos utilizados. A primeira estrofe, mostra o gosto do gaúcho pelo fandango, ou seja, seu gosto pela música, pela dança. Podemos notar que o poema é construído mediante a perspectiva do gaúcho, ressaltando-se seu modo de ser, seu linguajar, seus costumes; ou seja, as imagens de gaúcho que foram se construindo no imaginário social fazem parte das condições de produção do autor.

Desse modo, o eu lírico que se mostra no poema carrega com ele a voz do autor, de um sujeito marcado ideologicamente. Nossa interpretação deve-se ao fato de o autor, Jayme Caetano Braun, ter nascido em uma região que pertenceu, no passado histórico, à região das missões jesuíticas e também região de fronteira com a Argentina. Torna-se possível observar que o autor é um sujeito atravessado por discursos que transparecem em suas obras, já que a região está inserida em um contexto histórico que marcou os primórdios da formação do estado do Rio Grande do Sul. “Embora para a AD, os sentidos não tenham origem determinada e não sejam totalmente controlados, [...]” (SILVA, 2003, p. 943).

No início da segunda estrofe aparece a imagem do cavalo, que neste poema é nomeado de ‘zaino’, animal que caracteriza o gaúcho como “centauro dos pampas” expressão que é justificada pela forte ligação do gaúcho com o animal. Segundo Chagas, a partir do contexto histórico em que o cavalo é integrado a vida do gaúcho como meio de transporte, surgem formações imaginárias que mobilizam sentidos, e o gaúcho passa a assumir a imagem de centauro, ser mitológico que reforça a imagem de mito atribuída ao gaúcho, mediante um “deslizamento de sentidos” (GRIGOLETO, 2000, p. 14). Assim, segundo Chagas “[...] o cavalo como parte constitutiva do gaúcho também lhe atribui características que reforçam sua essência de homem livre” (CHAGAS, 2011, p. 36).

Outro ponto que chama a atenção na segunda estrofe é o uso de termos em espanhol como: ‘longito’ que representa o diminutivo de longe na língua do habitante da fronteira, espaço de mistura de línguas. É importante destacar que *longe* significa *lejos* na língua espanhola e seu

diminutivo *lejitos*, conforme a Real Academia Espanhola. Além disso, podemos inferir que a expressão ‘Pero - que las, las hay’, demonstra por meio da língua a influência da colonização espanhola na constituição do gaúcho. Se mobilizarmos as condições de produção nas quais o poema *Bochincho* se insere, podemos dizer que o uso da língua espanhola significa a relação de proximidade entre culturas e línguas, típicas do espaço de fronteira. Esse espaço compreende a relação de troca e trânsito entre sujeitos sócio-históricos que habitam e transitam nesse ambiente dualista e de integração. Cabe dizer, que as regiões de fronteira são demarcadas muitas vezes por linhas imaginárias que delimitam um território e outro, no entanto, os sujeitos ultrapassam esses limites, formando um terceiro território, o *território fronteiriço* (MOTA, 2010, p. 21). E é nesse espaço que, segundo Mota “[...] ao enunciar entre as línguas que aí se encontram, os sujeitos mobilizam e projetam sentidos próprios da fronteira que só são possíveis de significar neste espaço” (MOTA, 2010, p. 49).

Nessa direção, ao utilizar determinados termos como: *longito*, ‘*Pero - que las, las hay*’, o autor mobiliza sentidos que não são totalmente explicitados pela linguagem, não obstante, tais sentidos emergem mediante a interpretação do leitor. Assim, ocorre uma projeção do sujeito com relação ao seu interlocutor numa espécie de antecipação de sentidos, ou seja, “[...] o falante ao projetar uma imagem dos interlocutores a quem enuncia, movimenta-se entre uma língua e outra” (idem, p. 50). Desta forma, para Mota “[...] aquilo que é dito e a maneira como significa está determinada por estas imagens que os sujeitos fazem de si e dos outros [...]” (idem, p. 49).

A terceira estrofe descreve o local do fandango, como um rancho coberto de palha e paredes de pau a pique, arquitetura típica do século XVII a XIX. Assim, ressalta Azevedo: “Na extensão imensa dos pampas só o casario das estâncias ou o rancho do peão – coberto de *santa-fé ou gerivá* e tapado de pau a pique embarreado – denuncia a presença humana (AZEVEDO, 1958, p. 32). Além disso, o poema descreve um ambiente com pouca luz e fumacento, o que nos revela a precariedade das construções dessa época.

O poema apresenta também a imagem da mulher. No trecho do poema analisado o narrador se refere à mulher gaúcha como *tiangaça* e *china* (quarta estrofe) e posteriormente como *pinguancha* (oitava estrofe) termos cristalizados no imaginário social rio-grandense como pejorativos: demonstram o machismo do gaúcho e também uma desvalorização feminina. No entanto, tais termos se constituíram no imaginário social no século XVII e ressoam até hoje em certos discursos presentes no linguajar gauchesco quando se refere à mulher. Convém acrescentar que os termos citados eram dirigidos a mulheres que frequentavam lugares como o descrito no poema; ou seja, mulheres que eram menos resguardadas, desfrutáveis. Ao contrário da mulher casada, que ficava em casa e cuidava da família, e que em muitos discursos

regionalistas é apresentada como *prenda*. Desta maneira, evidencia-se no poema o discurso machista, que se relaciona aos discursos que relegam à mulher o papel de ‘direita’, aquela que aguardava em casa um possível casamento; ou seja, a mulher que saia para se divertir em bailes, como aquele inserido no poema, não merecia respeito. Podemos dizer, então, que estes termos são ditos/escritos frequentemente no discurso religioso o qual impõe à figura feminina um modelo a seguir, um modelo que exige descrição e castidade.

Outro ponto interessante na quarta estrofe é a comparação da mulher ao cavalo. Podemos notar a comparação do cabelo da mulher com a *crina* do animal, e, além disso, ao invés de se referir ao rosto da mulher, o narrador se refere à *venta*, termo que geralmente é usado para as narinas do cavalo. Isso nos leva a interpretar que a mulher é colocada no mesmo patamar do cavalo, produzindo, assim, um efeito metonímico. Ademais, percebemos a produção de outros sentidos: o gaúcho remete ao cavalo admiração e um papel de companheiro; e ao nosso ver, como parte constitutiva de seu companheiro, reafirma-se para o gaúcho uma imagem de nobreza e de lealdade. Assim, podemos interpretar que tanto a mulher como o cavalo representam para o gaúcho a serventia e a admiração. Entretanto, esta observação gera um conflito de significações, pois a medida que o narrador compara a mulher a um animal, que para o gaúcho serve como meio de transporte, desencadeia efeitos de sentido de subserventia, os quais vinculam-se, como já abordamos, ao discurso machista, no qual a mulher aparece submissa e inferior ao homem.

Na sequência do poema, mais precisamente na sétima estrofe, notamos uma situação de conflito quando o dono do bochincho ataca o gaúcho motivado por ciúmes. Para descrever a cena em que o dono do bochincho fica furioso o narrador utiliza-se de termos que remetem ao campo e à convivência do gaúcho com os animais, por exemplo: compara o dono do bochincho com o cavalo: ‘*Uma espécie de relincho, era o dono do bochincho,*’ e também com a capivara: ‘*Mais sério que um ‘capincho’.*

Observa-se por meio das referidas comparações que tanto o cavalo como o ‘capincho’ ou capivara são animais comuns nas condições de produção do autor, pois a região onde ele nasceu e morou durante quase toda sua vida fica próxima ao rio Uruguai, habitat de animais como a capivara. Mediante tal observação, tais efeitos metafóricos se respaldam na história. À vista disso, segundo Grigoletto “[...] o processo de produção de discursos se dá pelo constante deslizamento de sentidos, através do qual de um termo ou expressão se passa a outros, que os substituem” (GRIGOLETTO, 2000, p 14). Para a AD, os processos metafóricos são entendidos como *deslize* ou *transferência* de sentido.

A respeito do fragmento discutido acima, podemos dizer, ainda, que identificamos, novamente, imagens de gaúcho como ‘centauro dos pampas’, o gaúcho que anda a cavalo, destemido, valente, desafiador, enfim, um sujeito de hábitos próprios. Acrescentamos que esse imaginário sobre o gaúcho, criado pela narrativa, faz parte de uma formação discursiva histórica que é ressignificada, porém não totalmente esquecida. Afirmo Silveira que “[...] o imaginário possui a propriedade que possibilita a criação do novo, mas ele tem como ponto de partida o velho, o já instituído, é isso que lhe dá o diferencial e que lhe garante a existência” (SILVEIRA 2004, p. 118).

Desta maneira, na primeira estrofe, é possível identificar resquícios de possíveis discursos anteriores em que o gaúcho ainda não havia assumido a posição de herói: *Fui chegando - de curioso / Que o vício - é que nem sarnoso / nunca pára - nem se ajeita*. Nesta sequência discursiva mobilizam-se sentidos que remetem à uma imagem de gaúcho que gosta de procurar confusão, imagem distinta do gaúcho idealizado da literatura gauchesca. Assim, numa leitura cuidadosa do poema, é possível constatar a presença de discursos outros, que não os do gaúcho ideal, corajoso, ordeiro, honesto e admirável. Esse discurso que desvincula a imagem de gaúcho ao de sujeito idealizado, pode estar vinculado a discursos históricos anteriores às revoluções que promoveram a imagem heróica do gaúcho, pois, de outra forma, historicamente as imagens de gaúcho também revelavam um sujeito bronco, rude, que era tido como ladrão, contrabandista, entre outras características que lhe concediam um papel inferior na sociedade onde estava inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a mobilização de nosso dispositivo teórico-analítico conseguimos identificar algumas imagens sobre o gaúcho presentes no poema “Bochincho”. Tais imagens evocam discursos e produzem efeitos de sentido que podem contribuir para agregar novos significados às imagens já instituídas no imaginário sobre o gaúcho na sociedade. Pois, todo discurso pode tornar-se outro.

Ressaltamos assim, a imagem de gaúcho “centauro dos pampas”, que eleva o sujeito gaúcho a mito, sujeito dominador da natureza, homem forte que remete ao cavalo um status de companheiro.

Outro ponto que observamos foi o uso de expressões da língua espanhola, contribuindo assim, para criar no imaginário uma situação histórica: o gaúcho se vincula ao contexto platino, e esse imaginário aparece representado na materialidade do poema.

Observamos que além das imagens de gaúcho o poema nos possibilitou analisar outras imagens, tais como, a imagem da mulher. Esta imagem aparece vinculada ao discurso machista e ao religioso, dado que em determinadas passagens do poema o gaúcho se refere à mulher utilizando-se de termos que a depreciam. Também constatamos neste contexto um discurso que inferioriza o gênero feminino, quando a mulher é comparada ao cavalo. Assim, podemos ressaltar que neste ponto da análise emergem imagens de um sujeito rude, machista, interpelado pelo discurso religioso, o qual regula a conduta feminina na sociedade.

Deste modo, tendo em vista os estudos que fizemos a respeito das imagens de gaúcho na história e na literatura, podemos dizer que em determinadas passagens do poema emergem imagens de gaúcho histórico que evidenciam o gaúcho como sujeito rude, não ordeiro, que de certo modo gosta de confusão. Imagens estas que remetem ao gaúcho antes de sua participação nas batalhas pela independência do Estado rio-grandense, participações estas que elevaram a imagem do gaúcho a herói e representante social.

Por fim, podemos dizer que grande parte das imagens referentes ao gaúcho contidas no poema “Bochincho” diferem das imagens presentes no discurso literário regional habitual no qual o gaúcho apresenta características heroicas, é idealizado e elevado a mito regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, T. de. Gaúchos: A Fisionomia Social do Rio Grande do Sul. 2ª ed. Salvador. Livraria Progresso Editora: 1958.
- BERTUSSI, L. Literatura gauchesca: do cancionero popular à modernidade. Caxias do Sul: EDUCS. 1997.
- CHAGAS, N. E. O discurso sobre o gaúcho: uma análise enunciativa das músicas nativistas. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2011.
- FONTANA, A. Identidades gaúchas: serranos, pampeanos, missioneiros e outras variações em *O tempo e o Vento*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.
- GRIGOLETTO, M. Funcionamento metafórico e construção de identidades no discurso colonial britânico. Cadernos de linguagem e sociedade, 4, 2000. Disponível em < <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1289> > Acesso em 15/04/2015.
- LAGAZZI, S. The social in scene in significant materiality. Acta Scientiarum – language and culture, v32, n2, 153-161p. 2010.
- LUDMER, J. O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos. 2002.
- MELO, E. S. C. de. A figura histórica e ficcional do gaúcho: o gaúcho, de José de Alencar e Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez, de Tabajara Ruas. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MOTA, S. dos S. Línguas, sujeitos e sentidos: o jornal nas relações fronteiriças no final do século XIX, início do século XX. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

- ORLANDI, P. E. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.
- ORLANDI, E P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. “Análise de Discurso e contemporaneidade científica” in *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados*: Eni Puccinelli Orlandi – 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- SILVA, M. da C. F. Nome de autor, função autor e autoria. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003 (940-944)
- SILVEIRA, V. F. P. Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

ANEXO:

Bochincho

Autoria: Jayme Caetano Braun

A um bochincho - certa feita,
Fui chegando - de curioso,
Que o vício - é que nem sarnoso,
nunca pára - nem se ajeita.
Baile de gente direita
Vi, de pronto, que não era,
Na noite de primavera
Gaguejava a voz dum tango
E eu sou louco por fandango
Que nem pinto por quireral.

Atei meu zaino - longito,
Num galho de guamirim,
Desde guri fui assim,
Não brinco nem facilito.
Em bruxas não acredito
'Pero - que las, las hay',
Sou da costa do Uruguai,
Meu velho pago querido
E por andar desprevenido
Há tanto guri sem pai.

No rancho de santa-fé,
De pau-a-pique barreado,
Num trancão de convidado
Me entreverei no banzé.
Chinaredo à bola-pé,
No ambiente fumacento,
Um candieiro, bem no centro,
Num lusco-fusco de aurora,
Pra quem chegava de fora
Pouco enxergava ali dentro!

Dei de mão numa tiangaça
Que me cruzou no costado
E já sai entreverado
Entre a poeira e a fumaça,
Oigalé china lindaça,
Morena de toda a crina,
Dessas da venta brasina,
Com cheiro de lechiguana
Que quando ergue uma pestana
Até a noite se ilumina.

Misto de diaba e de santa,
Com ares de quem é dona
E um gosto de temporona

Que traz água na garganta.
 Eu me grudei na percanta
 O mesmo que um carrapato
 E o gaiteiro era um mulato
 Que até dormindo tocava
 E a gaita choramingava
 Como namoro de gato!

A gaita velha gemia,
 Às vezes quase parava,
 De repente se acordava
 E num vanerão se perdia
 E eu - contra a pele macia
 Daquele corpo moreno,
 Sentia o mundo pequeno,
 Bombeando cheio de enlevo
 Dois olhos - flores de trevo
 Com respingos de sereno!

Mas o que é bom se termina
 - Cumpriu-se o velho ditado,
 Eu que dançava, embalado,
 Nos braços doces da china
 Escutei - de relancina,
 Uma espécie de relincho,
 Era o dono do bochincho,
 Meio oitavado num canto,
 Que me olhava - com espanto,
 Mais sério do que um capincho!

E foi ele que se veio,
 Pois era dele a pinguancha,
 Bufando e abrindo cancha
 Como dono de rodeio.
 Quis me partir pelo meio
 Num talonaço de adaga
 Que - se me pega - me estraga,
 Chegou levantar um cisco,
 Mas não é a toa - chomisco!
 Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na volta do braço
 Consegui tirar o talho
 E quase que me atrapalho
 Porque havia pouco espaço,
 Mas senti o calor do aço
 E o calor do aço arde,
 Me levantei - sem alarde,
 Por causa do desaforo
 E soltei meu marca touro

Num medonho buenas-tarde!

Tenho visto coisa feia,
 Tenho visto judiaria,
 Mas ainda hoje me arrepia
 Lembrar aquela peleia,
 Talvez quem ouça - não creia,
 Mas vi brotar no pescoço,
 Do índio do berro grosso
 Como uma cinta vermelha
 E desde o beijo até a orelha
 Ficou relampeando o osso!

O índio era um índio touro,
 Mas até touro se ajoelha,
 Cortado do beijo a orelha
 Amontoou-se como um couro
 E aquilo foi um estouro,
 Daqueles que dava medo,
 Espantou-se o chinaredo
 E amigos - foi uma zoadada,
 Parecia até uma eguada
 Disparando num varzedo!

Não há quem pinte o retrato
 Dum bochincho - quando estoura,
 Tinidos de adaga - espora
 E gritos de desacato.
 Berros de quarenta e quatro
 De cada canto da sala
 E a velha gaita baguala
 Num vanerão pacholento,
 Fazendo acompanhamento
 Do turumbamba de bala!

É china que se escabela,
 Redemoinhando na porta
 E chiru da guampa torta
 Que vem direito à janela,
 Gritando - de toda guela,
 Num berreiro alucinante,
 Índio que não se garante,
 Vendo sangue - se apavora
 E se manda - campo fora,
 Levando tudo por diante!

Sou crente na divindade,
 Morro quando Deus quiser,
 Mas amigos - se eu disser,
 Até periga a verdade,

Naquela barbaridade,
De chínaredo fugindo,
De grito e bala zunindo,
O gaiteiro - alheio a tudo,
Tocava um xote clinudo,
Já quase meio dormindo!

E a coisa ia indo assim,
Balanceei a situação,
- Já quase sem munição,
Todos atirando em mim.
Qual ia ser o meu fim,
Me dei conta - de repente,
Não vou ficar pra semente,
Mas gosto de andar no mundo,
Me esperavam na do fundo,
Saí na Porta da frente...

E dali ganhei o mato,
Abaixo de tiroteio
E inda escutava o floreio
Da cordeona do mulato
E, pra encurtar o relato,
Me bandeiei pra o outro lado,
Cruzei o Uruguai, a nado,
Que o meu zaino era um capincho
E a história desse bochincho
Faz parte do meu passado!

E a china - essa pergunta me é feita
A cada vez que declamo
É uma coisa que reclamo
Porque não acho direita
Considero uma desfeita
Que compreender não consigo,
Eu, no medonho perigo
Duma situação brasina
Todos perguntam da china
E ninguém se importa comigo!

E a china - eu nunca mais vi
No meu gauderiar andejo,
Somente em sonhos a vejo
Em bárbaro frenesi.
Talvez ande - por aí,
No rodeio das alçadas,
Ou - talvez - nas madrugadas,
Seja uma estrela chirua
Dessas - que se banha nua
No espelho das aguadas!